

Das Exposições Universais ao *Shopping Center*

Telma Silva



AS EXPOSIÇÕES UNIVERSAIS, A FOTOGRAFIA E O ECLODIR DA IMAGEM

A sociedade do século XIX passa por diversas transformações, numa aceleração provocada pelo advento das máquinas. A Revolução Industrial mecanizou os sistemas de produção e traduziu-se em diversas inovações que gradualmente facilitaram todo o sistema de produção, comunicação, transporte, logo de consumo. Houve uma alteração de todos os padrões da sociedade. Vivia-se o pleno fascínio do espectáculo das máquinas e todas as transformações que implicava nos modos de vida.

Floresceram as *Exposições Universais* (Londres, 1851; Paris, 1889; Chicago, 1893) como os grandes eventos do século: anunciavam as novidades, de acordo com o progresso científico e a inovação técnica; publicitavam os novos meios de construção produzidos industrialmente, aplicáveis à arquitectura. Faziam parte da estrutura da sociedade industrial. O tempo de lazer da população era reencaminhado para a promoção e produção industrial. Eram grandes manifestações que arrastavam multidões; apresentavam o que estava a acontecer no mundo e ao mundo. Foram um acontecimento único. Moviam multidões! Eram Universais! Vivia-se o esplendor da máquina.

As Exposições Universais eram fenómenos visuais com grande poder de difusão de imagens. As massas maravilhavam-se diante dos novos espectáculos mecânicos. A percepção passa a ter uma forte componente visual, o que vai sugerindo uma emergente “sociedade do espectáculo”.

Num certo sentido, estas exposições funcionaram como os primeiros museus de arquitectura. Exibiam uma colecção de expressões arquitectónicas e objectos do mundo inteiro. Cada pavilhão representava o seu país em miniatura. As exposições estimulavam o desenvolvimento económico dos países anfitriões e incentivavam a população a criarem novos artefactos para serem apresentados ao público. Eram um meio privilegiado de reforçar a imagem de cada país, o que se foi repetindo e consolidando ao longo do século XX.

No nosso tempo, a “exposição” foi perdendo o carácter de ‘fenómeno único e exclusivo’. Numa sociedade fortemente mediatizada é cada vez menos surpreendente visitar uma exposição. Já não é necessário ir a uma parte do mundo para procurar uma informação que nos é oferecida diariamente. E não só as exposições, as feiras e os salões profissionais a ter o privilégio de expor. A prática expositiva estendeu-se até à casa de cada um. A informação visual ficou à distância de um botão. Democratizou-se na sociedade capitalista e passou a ser oferecida diariamente. O que era apresentado aos cidadãos do século XIX nas primeiras *Exposições Universais* existe, hoje, na casa de cada um. “Podemo-nos mover de pavilhão em pavilhão, de um lugar e um tempo a outro, apenas apertando um botão do controle remoto ou nos conectando à rede informática universal” (Puente, 2000: 15).